

Será possível curar um
coração partido com
um novo amor?

**DESEJO
PROIBIDO**

Livro 2

paixão
libertadora

SOPHIE JACKSON





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para os meus fãs, a minha família virtual.
Vocês são incríveis. Nunca mudem.

“A vida vai derrubar você. Ninguém pode protegê-lo disto. E de viver sozinho também não, pois a solidão vai arrasá-lo de saudade. Você precisa amar. Precisa sentir. É por esse motivo que está na Terra. Você está aqui para arriscar seu coração. Você está aqui para ser engolido. E, quando acontecer de ser destruído, traído, abandonado, magoado, ou ao sentir a morte espreitando, permita-se sentar à sombra de uma macieira e ouvir as maçãs caindo ao seu redor, desperdiçando sua doçura. Diga a si mesmo que saboreou tantas quanto podia.”

– Louise Erdrich, *The Painted Drum*

1

A primeira vez que Max O'Hare pensou em tirar a própria vida foi no dia do velório de seu pai. Era uma manhã gélida de meados de outubro, daquelas em que o vento fustiga o rosto e a chuva desaba em torrentes, fazendo até mesmo o cara mais bem-humorado ficar triste.

Max viu o caixão do pai ser enterrado ao lado do de Hazel O'Hare, sua mãe. A linda lápide acima do túmulo de Hazel exibia, em letras douradas elegantes, que ela tinha apenas 26 anos quando morreu – o carro em que estava batera de frente com outro no momento em que a jovem se dirigia à festa de aniversário de 2 anos do filho. Já Connor O'Hare, pai de Max, sucumbira aos 45 anos a um câncer de pâncreas cruel, após uma batalha corajosa de 18 meses, deixando o filho órfão.

Um órfão que não conseguia evitar se perguntar o que deveria fazer com a própria vida.

É claro que havia o negócio da família, uma oficina mecânica especializada, onde Max tinha aprendido o ofício do pai com olhos entusiasmados e ouvidos atentos. Mas tudo perdera o brilho quando Connor ficara incapacitado de trabalhar. Os carrões e os motores possantes deixaram de ter importância. Tudo passara a girar em torno da próxima sessão de quimioterapia e dos valores das contas médicas.

Não que o pai de Max reclamasse ou se preocupasse com isso. Ele sorria quando o filho começava a se estressar com consultas e dinheiro e lhe dizia que a vida era curta demais para que se inquietasse com aquelas coisas bobas. Connor O'Hare era assim. Talvez por esta razão nunca tenha perdido a cabeça ao ver Max, ainda adolescente, chegar tantas vezes em casa em uma viatura da polícia ou ser preso por posse de drogas e roubo de carro. “Você vai encontrar o seu caminho; são apenas os obstáculos da estrada, filho”, dizia o pai, dando de ombros com certa decepção, o que fazia Max se corroer de culpa.

Max não tinha tanta certeza de que algum dia encontraria seu caminho, e também não sabia por que se metia em confusão. Seria tédio? Ele nem sequer podia dizer que tinha problemas em casa. Seu pai era um homem bom, que se desdobrara para criar o filho sozinho. Não. Max era a ovelha negra, seu próprio pior inimigo. Ele queria ser forte como o pai, nobre e dedicado, mas sempre fracassava.

É verdade que a batalha de Connor contra a doença foi valente, mas sua morte não foi como a de um guerreiro. Não foi romântica. Não houve palavras sussurradas de amor ou declarações de lições de vida e arrependimento. Ele estava incapacitado de falar – o câncer tinha afetado seus pulmões e a garganta àquela altura. Max assistiu ao pai ser devastado por uma doença que roubou aquela vitalidade que ele conhecia e respeitava. Tudo o que sobrou fora o corpo maltratado de um homem que se foi durante o sono enquanto Max segurava sua mão, em sua vigília constante ao lado da cama do hospital.

A dor que assolou Max foi tamanha que ele nem sequer chorou. Seus olhos permaneceram secos, como se o pesar tivesse bloqueado cada duto lacrimal, veia e artéria.

Ele tinha amigos ao seu lado. Amigos que eram como família e estavam preparados para apoiá-lo incondicionalmente. *Qualquer coisa que a gente possa fazer. Estou aqui se você quiser conversar.* Deus, ele mal conseguia sair da cama de manhã e as pessoas esperavam que conversasse! Apreciava o gesto, é claro, mas, à medida que o tempo passava, as palavras delas sumiam e Max se afundava na depressão. E tudo culminou com ele virando uma garrafa de vodca e cheirando algumas carreiras de cocaína enquanto olhava para os comprimidos que encontrara em meio aos pertences do pai.

“Seria tão fácil”, pensou ele.

E indolor.

Era isso que ele queria mais que tudo: uma existência sem dor.

Mas Max não tinha conseguido levar aquilo a cabo. A covardia não era algo de que se orgulhasse, mas, como Carter, seu melhor amigo, explicara: ele tinha 20 anos e a vida toda pela frente. E viver no limite foi o que ele fez: encheu a cara, pegou muitas mulheres, se envolveu com o que não devia, se tornou traficante, foi baleado, preso, saiu sob pagamento de fiança...

Não era exatamente uma vida; era mais uma ressaca contínua marcada por intervalos de delírio. Ele mantinha a oficina com a grana que conse-

guia no tráfico; pagava os funcionários e festejava do nascer ao pôr do sol. À medida que os meses foram passando, a dor que Max sentira no dia do velório foi diminuindo, dando lugar a um entorpecimento ao qual ele se entregava livremente. Não sentia dor. Na verdade, não sentia nada. E estava bem assim.

Ele duvidava que algum dia voltasse a sentir algo. Nem sabia se queria.

Até que *ela* apareceu em sua vida...

Max ergueu os olhos do carpete bege suntuoso sob seus pés, fixando-os no homem sentado diante dele. Elliot esperou pacientemente que Max dissesse mais alguma coisa, mas ele havia terminado. E tinha dito mais do que pretendia. Não falava sobre o pai fazia muito tempo, e tocar naquela ferida agora era tão agonizante quanto tinha sido no dia do velório, oito anos antes.

Ele pegou o copo d'água na mesinha de madeira ao lado de seu assento e tomou um gole longo. O silêncio e a expectativa eram sufocantes, fazendo Max se agitar e se remexer na cadeira.

– Pelo seu silêncio, suponho que isso é tudo.

Elliot sorriu e escreveu rapidamente em seu bloco de anotações, como sempre fazia. Max não respondeu, mas respirou fundo, sabendo que estava liberado. Aprendera que o Dr. Elliot Watts era um filho da mãe persistente e incansável. Bem, ele era terapeuta; essa era a droga do trabalho dele. Mas Max tinha que admitir que gostava dele, não importava a quantos caminhos sombrios do passado o doutor o fizesse retornar.

– Você fez um bom progresso hoje, Max – continuou Elliot, acenando de forma positiva com a cabeça. – Sei que falar do seu pai não é fácil.

É, nem me fale.

Rabisco, rabisco.

– Então, você está aqui há 15 dias. O que está achando da medicação?

Max deu de ombros. Ele estava tomando um monte de pílulas esquisitas todas as manhãs: antidepressivos, ritalina, amantadina. Cada uma tinha um propósito específico para ajudá-lo com a desesperança, as noites em claro e os anseios. E ajudavam. Quase sempre. Drogas eram drogas, afinal.

Não eram exatamente as drogas que ele queria, aquelas que poderiam dar um coice na sua ansiedade, que fariam seu pau deixar de ser um apêndice flácido, que iriam suprimir o apetite monstruoso que fazia seu abdome aumentar, que o impediriam de fechar os olhos à noite.

Mas drogas eram drogas.

A cada batimento precário de seu coração, o sangue de Max se movia vagarosamente por seu corpo. Ansiava por uma carreira de pó, pela vida, pelo desaparego eufórico. Só precisava cheirar um pouco.

Elliot se endireitou de leve na cadeira, como se percebesse a fome que parecia debilitar seu paciente.

– Como estão os terrores noturnos?

O pavor tomou conta dos ossos de Max. Ele engoliu em seco e esfregou as mãos. Seu desconforto deixava transparecer muitas coisas. Os terrores noturnos eram isso mesmo: terríveis. Pesadelos tão vívidos e perturbadores que só de pensar em dormir Max já ficava gelado. Eles tinham começado poucos dias depois de ele parar com o pó, logo após ter dado entrada na clínica de reabilitação e, apesar da medicação prescrita por Elliot, não estavam dando trégua. Suas olheiras eram a prova.

– Podemos aumentar a dose se você quiser, Max – disse Elliot com delicadeza. – Você precisa descansar.

Max suspirou e abaixou o queixo de modo quase imperceptível, seu orgulho incapaz de vencer o medo do que o aguardava quando ele dormia.

– Certo. Vou mandar alterar isso para você.

– Obrigado.

A voz de Max era baixa, mas sua gratidão era imensurável.

– Quer conversar sobre esses terrores?

– Não.

Max massageou as têmporas, tentando afastar as imagens grotescas que o assombravam à noite e ameaçavam se agarrar à sua cabeça.

O silêncio de Elliot fez Max encará-lo.

– Tão ruins assim?

Max puxou o capuz do moletom ainda mais para baixo, numa tentativa de se esconder. Ele usava o capuz tanto nas sessões individuais quanto nas de grupo e, estranhamente, Elliot não parecia se importar. Max não sabia ao certo por que, mas aquilo ajudava a amenizar o estresse que sentia por ter que falar com desconhecidos sobre tudo o que lhe acontecera tantos anos antes. Era um casulo, uma redoma que tornava sua estadia na clínica um pouquinho mais tolerável.

– Talvez você possa escrever sobre isso naquele caderno que lhe dei semana passada. Sei que ainda está em branco.

Elliot sorriu com o olhar sarcástico que Max lançou para ele.

Escrever em um caderno? Não, obrigado.

– Tudo bem. Olha – disse Elliot, sentando-se mais à frente –, você sabe que estou aqui se quiser conversar mais. Todos nós vamos ajudá-lo a superar isso. Você não está sozinho, viu?

Max se conteve para não revirar os olhos. Claro, ele estava rodeado de pessoas que “só queriam o melhor para ele”, se dispunham a “ajudá-lo a ficar limpo”, que queriam “conversar sobre tudo” e pretendiam se certificar de que ele se sentia “confortável” e “tranquilo”, e não louco para fugir da porcaria daquele lugar e encontrar a boca de fumo mais próxima.

É, ele estava de fato rodeado por pessoas bem-intencionadas.

E nunca se sentira tão sozinho.

2

Sete anos antes...

A festa, como sempre, tinha se tornado um caos. Era quase meia-noite e Riley Moore, rodeado por três amigos, estava – usando apenas os dentes para pegar os copos – tomando doses de vodca dos seios de duas desconhecidas seminuas. Max sorriu enquanto os caras aplaudiam, gritavam e batiam o peito um no outro a cada dose gloriosamente despejada sobre a pele das meninas, seguida pela língua gulosa de Riley.

Max riu daquele entusiasmo. Ele conhecera Riley por meio de amigos comuns havia apenas dois anos. Apesar de não saber muito sobre o histórico do cara, percebia que Riley costumava ser a alma da festa e um monstro quando se tratava de bebida. Tomava qualquer coisa, desde que fosse alcoólica – mas, não importava quantas garrafas esvaziasse, parecia manter-se sóbrio. Ele ficava meio doido, mas nunca tocava em nada além daquilo. Nem mesmo maconha. Riley recusava, dizendo que nunca se interessara. E Max ficava silenciosamente surpreso com o autocontrole dele.

Não, os vícios de Riley eram carros e mulheres. Muitas mulheres.

Max sentiu uma cotovelada. Quando se virou, viu seu melhor amigo, Carter, bêbado e chapado, com o braço enrolado em uma bela morena vestida com roupas minúsculas.

– Se anime – disse Carter com um sorriso largo. – É uma festa, cara.

Max concordou com a cabeça e ergueu a garrafa de cerveja, apontando o gargalo para o amigo.

– Sim – respondeu ele, virando a cerveja, ciente de que a carreira que ele tinha cheirado uma hora antes já estava perdendo o efeito. – Pode me abastecer?

Carter assentiu com a cabeça e vasculhou o bolso da calça jeans, tirando um saquinho de cocaína.

– Aproveite. E depois encha a cara, coma alguém, faça alguma coisa para botar um sorriso nesse rosto, merda!

Max riu enquanto observava Carter cambaleiar até um dos sofás, onde caiu com sua nova amiga e começou a dar uns amassos. O cara tinha razão. Max tinha quase 22 anos. Precisava relaxar e se divertir, deixando para trás o luto que, após um ano e meio da perda do pai, ainda o aprisionava. Ele só não sabia como fazer isso sem umas carreiras de coca e uma cerveja. Sabia que a vida louca que levava beirava o limite do perigo, mas, ironicamente, era essa euforia levava Max a viver com pó no nariz e uma bebida na mão.

– Você veio!

O gritinho de uma das meninas seminuas, companheiras de Riley na vodca, chamou a atenção de Max, que se virou para olhar. A ruiva magrinha desceu da mesa, colocou a camiseta de volta – para grande irritação dos homens ao seu redor – e atravessou o apartamento correndo até a porta aberta.

Max a observou com um leve sorriso, que imediatamente se desfez quando ele viu a garota que ela cumprimentava. Deus! Ela era... alta e loura. Muito loura. E natural. Aquele cabelo não era de farmácia. Era amarelo-cinza, na altura dos ombros, que estavam cobertos por uma blusa vermelha de manga curta. A calça jeans era preta e se aderiu às pernas como uma segunda pele. Nossa, ela era linda!

– Venha conhecer o Riley! Estamos tomando vodca sem roupa!

A ruiva saltitou e arrastou a nova e intrigante aquisição para a cozinha.

Pela expressão da loura, que olhava tudo à sua volta, Max percebeu que ela não era o tipo de mulher que iria se despir e deixar que um homem qualquer tocasse seus peitos. Estranhamente, esse pensamento foi um alento para o coração dele. Ela atravessou a sala com desenvoltura e elegância, enquanto Max quase quebrava o pescoço para espia-la por trás das outras pessoas da festa. Pessoas que ele tinha esquecido, para as quais não dava a mínima.

– Riley, esta é minha melhor amiga, Lizzie. Lizzie, este é o Riley.

A ruiva se atirou nos braços de Riley e Lizzie sorriu.

E que sorriso maravilhoso!

Dentes brancos e brilho e malditos arco-íris.

– Oi, Liz – disse Riley. – Quer beber alguma coisa?

– É Lizzie. E não, não bebo quando estou dirigindo – retrucou.

Max riu da petulância dela e da expressão de surpresa no rosto de Riley.

O grandalhão deu uma gargalhada.

– Caramba, Lizzie, me deixe pelo menos pegar um Sprite para você.

Antes que ela pudesse responder, Riley apanhou um Sprite e lhe entregou com uma piscadinha. O sorriso torto que embelezou o rosto de Lizzie foi sexy pra caramba. Max enfiou um saquinho esquecido de pó no bolso de trás e se aproximou do lugar onde todos eles estavam, sua atenção total e verdadeiramente redirecionada.

Ele observou Lizzie, fascinado, durante os 45 minutos que ela ficou lá. Era charmosa e engraçada, respondendo à altura quando a azaração começou para valer. Quando ela olhou na direção de Max, ele sorriu muito educado e acenou com a cabeça. E foi uma delícia ver o tom rosado que iluminou as bochechas de Lizzie quando ele fez isso.

Em situações como esta, Max já estaria dando em cima dela, falando um monte de frases bonitinhas e carismáticas que as garotas adoravam ouvir.

Mas algo o deteve. Uma sensação estranha e assustadora de que essa Lizzie lhe daria um fora se ele tentasse ser qualquer coisa que não fosse verdadeira e honesta.

Então ele só a observou, sabendo, quando ela foi embora, que precisava vê-la de novo.



O terreno da clínica de reabilitação era enorme. Seis hectares, para ser exato. Antes de a neve do centro-sul da Pensilvânia se acumular demais, Max tinha vagado pela propriedade, parado para um cigarro e perambulado um pouco mais. O silêncio era de perfurar os ouvidos, deixava-o extremamente agitado. Ele estava acostumado com o alvoroço da vida na cidade de Nova York, e era difícil se habituar aos campos vastos e ao ar fresco.

Quando não estava em uma das quinze sessões semanais com Elliot, com seu padrinho (alguém que o ajudava a se manter sóbrio) ou andando sem rumo, Max ficava sentado no quarto, ouvia música ou lia. E isso era perfeito, até mesmo *incrível*, nos primeiros dias de abstinência, pois aquilo o desacelerava. Mas, passadas duas semanas, ele estava começando a se inquietar. Elliot havia prometido que, assim que Max se estabilizasse com os

medicamentos, poderia começar a malhar. E Max estava louco para ir à academia e aliviar um pouco da tensão e do estresse que faziam seus ombros arquearem. Mas ele tinha que esperar. Como alternativa, foi sugerido que Max fizesse aulas de ioga.

Algo lento. E fácil.

Ele riu na cara de Elliot. Explicou que não era o tipo de cara que fazia ioga. E então voltou para o quarto.

Não que ele se importasse em ficar no quarto. E, na verdade, “quarto” era um termo vago. Parecia mais uma suíte de hotel. Era muito bem equipado, com uma cama enorme, poltronas confortáveis, belas obras de arte nas paredes e um banheiro interno. Aparentemente, Carter escolhera aquele lugar por causa do astral tranquilo e acolhedor e pelo fato de ser pequeno, com apenas dezessete “clientes” por vez, garantindo cuidados e apoio personalizados 24 horas por dia. Max sabia que Carter pagara os olhos da cara para conseguir uma vaga para ele com tão pouco tempo de antecedência.

Além dos doze passos dos Narcóticos Anônimos para a recuperação – uma parte importante do processo de cura de Max –, a clínica também oferecia uma terapia mais holística. Mas Max não acreditava em toda aquela baboseira de “mente, corpo e alma”. Ele só queria ficar limpo o mais rápido possível para poder ir para casa.

E, passados quinze dias, Max tinha que admitir, ainda que com certa relutância, que a reabilitação não era tão ruim assim – embora sentisse uma falta imensa dos amigos e dos confortos de casa, é claro. Era parecido com estar na prisão; só que mais agradável. Com cheiros melhores, cortinas mais bonitas e sorrisos mais naturais dos funcionários. Bem, as abomináveis sessões com Elliot faziam Max desejar se encolher, e as sessões em grupo eram ainda piores. No entanto, os caras que ele conhecera ali haviam tornado sua estada na clínica mais interessante. Pense em pessoas piradas.

Pegue o Stan, por exemplo. Tinha 28 anos e era viciado em cocaína. Assim como Max, ele havia mergulhado no pó como uma maneira de esquecer a vida e toda a merda que fazia parte dela. Porto-riquenho obstinado de 1,70 metro, falava pelos cotovelos se deixassem. E deixavam. Com frequência. Mas Max não se importava. Se Stan estava falando, isso significava que Lyle, o líder do grupo, e Hud, um padrinho, não ficariam olhando para Max, esperando que *ele* dissesse alguma coisa.

Nas dez sessões a que os dezessete pacientes compareceram, Max não

abriu a boca. Ele não *quis* abrir a boca. Não sabia como começar a formar frases organizadas e fluentes. Deus, estar sóbrio e lúcido só encorajava seus pensamentos antes silenciados a martelarem seu cérebro torturado desde o minuto em que abria os olhos, todas as manhãs. A deliciosa proteção oferecida pela cocaína, que costumava usar todos os dias para abafar a orgia que se passava em sua mente, era uma lembrança distante. Max simplesmente puxava sua proteção substituta – o capuz de seu moletom – ainda mais baixo em seu rosto, enfurnando-se no tecido, e tentava relaxar.

Falar era mais fácil que fazer, com Stan papagaiando sobre seus arrependimentos. Ah, os arrependimentos.

– Cara, esse sujeito nunca cala a boca?

Os olhos de Max se desviaram para o responsável pela reclamação sussurrada, Dom Haynes, outro colega do pó com um histórico de tráfico, contravenções, prisão, etc. Tinha 26 anos e, apesar da ficha criminal, era um sujeito bastante decente.

Ele dividira os cigarros com Max num dos primeiros dias na clínica, quando Max estava a ponto de fugir daquele lugar. Haviam ficado próximos desde então. Dom lembrava muito seu amigo Carter, o que era tanto insuportável quanto reconfortante para Max.

Caramba, Max sentia falta do melhor amigo.

Mesmo que Carter fosse um babaca. Um babaca que estava ao lado de Max havia 20 anos. Um babaca que tinha cumprido pena na penitenciária de Arthur Kill no lugar de Max quando a merda atingira o ventilador. Um babaca para quem Max tinha apontado uma arma quando chegou ao fundo do poço. Um babaca que, mesmo com a paciência quase esgotada, tinha recolhido Max inconsciente do chão do banheiro, gritando e implorando que ele tomasse jeito e se internasse numa clínica de reabilitação. Um babaca que tinha dirigido quatro horas para levá-lo até a clínica, pagando por tudo sem questionar e abraçando-o com força antes de ir embora com lágrimas nos olhos, dizendo que tudo ficaria bem.

Max suspirou e fechou os olhos por um instante, ignorando Stan e os outros dezessete homens na sala. Sabia que, sem Carter, ele estaria morto. Sabia que, sem a grana de Carter e o conhecimento de Riley sobre como administrar um negócio, a oficina de seu pai teria sido perdida, juntamente com a reputação que Connor lutara tanto para construir. Sem Carter, Max nunca teria sobrevivido à perda de Lizzie.

Como sempre acontecia quando ele pensava em Lizzie, uma dor aguda dilacerou seu estômago, subiu até o coração e os pulmões, fazendo-o se inclinar para a frente na cadeira. Ele arfou com a agonia implacável, grato pelo fato de a atenção de todos ainda estar focada em Stan.

Todos menos Dom.

– Você está bem, cara? – murmurou ele ao seu lado.

Max assentiu com a cabeça, limpou a garganta e tentou respirar do jeito que Elliot ensinara. Lenta e continuamente. Fundo e gradualmente. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Isto já havia sido, um dia, uma ação simples. Mas agora, sem ela e sem nenhuma carreira de pó, era uma batalha constante.

■ ■ ■

– Então me conte sobre o incidente que aconteceu na sessão de grupo.

Max estava começando a perceber que o Dr. Elliot era onisciente ou algo assim. Ele não deixava passar nada. O filho da mãe devia ter câmeras em todos os cantos dessa maldita clínica. Ele sabia de tudo! Ou isso ou o breve “incidente” não tinha sido tão sutil quanto Max pensara.

Ele deu de ombros.

– Não foi nada.

Por que ele continuava mentindo, só Deus sabia. Isso não o fazia se sentir melhor e certamente não o faria voltar para casa mais cedo. E, afinal, não era esse o propósito, ficar melhor e retornar logo para casa?

Rabisco. Rabisco.

– Max, falar sobre isso vai ajudar.

Elliot tomou um gole de sua caneca do Phillies, o time de beisebol mais antigo do estado. Max se perguntou se aquilo era café ou algo mais forte, como conhaque. Ou uísque. Droga, uma dose de Jack Daniel’s seria bom pra cacete agora.

– Foi o mesmo de antes – murmurou Max, expirando devagar.

Os olhos de Elliot se suavizaram.

– Lizzie.

Max sentiu um aperto no peito ao ouvir aquelas duas sílabas.

– Fale – disse Elliot baixinho. – O que você conseguiu. Me conte.

A persuasão suave na voz de Elliot, a necessidade de mostrar aos outros

que ele conseguiria se recuperar ou, ainda, a necessidade de não decepcionar Carter foram, lentamente, derrubando as barreiras emocionais de Max. Ele começou contando a Elliot sobre a primeira vez que a viu e como tinha sido pamonha por não ter falado com ela. Narrou também o sermão que ouvira de Riley e Carter por se recusar a ligar para ela por semanas, apesar da sua ânsia em vê-la de novo. Deus. Aquela ânsia que ainda o aleijava. Lembrou do tom suave e interessado na voz dela quando ele finalmente tomou coragem de telefonar para o número anotado num pedaço de papel surrado que guardava no bolso desde a festa de Riley. E do seu primeiro encontro em um boliche, quando Lizzie o venceu por quase 50 pontos e, em seguida, deixou que ele a beijasse. O beijo, os lábios dela...

Max mal conseguia respirar. O peito doía à medida que as lembranças pareciam golpeá-lo. Seu coração trovejava, fazendo a visão escurecer e o rosto queimar. Ele tinha que sair daquela maldita sala, mas seu cérebro não conseguia enviar os sinais para os pés rápido o suficiente. E o peito ardia. Max o esfregou, enquanto tentava dizer a Elliot que havia uma grande chance de ele estar sofrendo um ataque cardíaco. Mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

E, de repente, lá estava Elliot, ajoelhado ao lado de Max, pedindo que ele respirasse fundo, segurando calmamente seu antebraço. Apesar de poder sentir os dedos ansiosos do psiquiatra, Max não conseguia responder. O pânico o sufocava. Era quase engraçado. Lá estava seu terapeuta, implorando que falasse, se abrisse, e, na única vez em que Max quis fazer isso, não teve sucesso. Que tremenda ironia. Ele desabou na cadeira, ciente das vozes, mas incapaz de responder. Era quase como se estivesse fora de si, flutuando sobre o próprio corpo, observando o tsunami de emoções afogá-lo.

E a última coisa que pensou antes de se sentir totalmente sufocado foi: estou morrendo.

3

– *Eu estava me perguntando quando você iria ligar.*

Max piscou.

– *Estava? Mas... Como você sabia que eu tinha seu número?*

Ela riu. Aquele som enérgico e delicado fez Max sorrir.

– *Acho que Riley contou a Amber. E Amber me contou.*

– *Amber? – Max franziu a testa. – Ah, você está falando da menina da vodca.*

Ela riu de novo.

– *Essa mesma.*

Max riu.

– *Maldito Riley.*

O silêncio que tomou conta da linha era de hesitação, mas também de excitação. Max sentiu a boca ficar muito seca. E implorou aos céus por uma onda de testosterona ou qualquer outra coisa que o ajudasse a criar coragem para chamar a garota para sair.

– *Então você ligou... – incitou Lizzie.*

– *Sim! – exclamou Max de imediato. – Sim, eu... Bem, não tive a chance de conversar com você naquela festa e...*

– *É, você ficou parado do outro lado da sala, sorrindo para mim a noite toda e não se mexeu. Estava esperando por um convite?*

Max soltou uma risada. A atitude dela era incrivelmente sexy.

– *Caramba, menina, já vi que você não vai pegar leve comigo, né?*

A gargalhada dela ficou mais alta.

– *Não! Mas sou tão assustadora assim?*

– *Não! Você é linda, quero dizer, e não é assustadora e, caramba, eu só... É que você estava com seus amigos e eu não quis interromper.*

– *Max?*

A maneira como ela disse o nome dele fez os músculos de seu abdômen se contraírem.

– *Sim?*

– *Eu adoraria sair com você.*

■ ■ ■

Max acordou lentamente. Sons, cheiros e sensações o cutucaram até ele recobrar a consciência e, por dois maravilhosos segundos, ele esqueceu que se encontrava a um zilhão de quilômetros de casa e em uma cama estranha. Espere. Ele estava na cama? Max deu uma olhada em volta. Sim, em seu quarto. Mas como? A última coisa de que se lembrava era de estar no consultório de Elliot...

– Você teve uma crise de pânico.

Max se assustou com o som da voz de Elliot. Ergueu a cabeça do travesseiro suntuoso e, com olhos cansados, procurou por ele. Elliot estava sentado, do outro lado do quarto, em uma das poltronas extravagantes de encosto alto, a perna direita cruzada sobre a esquerda, observando-o com atenção.

– Eu lhe dei uma injeção de Midazolam, que fez você dormir. – Ele apontou para a cama. – Achei que ficaria mais confortável aqui do que no sofá do meu escritório.

Max esfregou o rosto, uma dor chata martelando sua cabeça.

– Que ótimo. – Ele se sentou devagar, o mundo girando ao seu redor. – Tinha me esquecido de como é divertido.

Elliot não perdeu tempo.

– Você já teve crises de pânico antes?

Não desse jeito.

Elliot assentiu diante do silêncio, seu maxilar se contraindo.

– Isso pode ser causado por uma série de coisas. No seu caso, acho que uma combinação do nível baixo de açúcar no sangue com o assunto que estávamos discutindo contribuiu para uma crise de severidade considerável. – Ele se inclinou para a frente. – Você precisa verificar se sua hipoglicemia está sob controle, Max.

– Eu sei.

O apetite de Max tinha aumentado pra caramba graças à abstinência de cocaína e aos remédios e, apesar da encheção de saco do pessoal da cozinha, ele andava comendo muita porcaria e não estava testando seu sangue

com regularidade. Ele só comia e comia. Droga, ia voltar para Nova York parecendo o boneco da Michelin. *Que beleza!*

– Testar meu sangue. Comer melhor – murmurou ele. – Entendi. O que mais?

O terapeuta se levantou bruscamente da poltrona e se aproximou da cama.

Pouco acostumado a ver Elliot tão irritado, Max ralhou:

– Qual o seu problema, doutor?

Elliot em geral era calmo, passivo.

– Não tenho problema nenhum, Max – respondeu ele baixinho. – Você é que tem.

Max bufou.

– Só um? Você está por fora, cara.

Elliot ignorou o gracejo. Cruzou os braços e olhou para Max de um jeito que ele quase se escondeu sob as cobertas.

– Você tem noção de que hoje foi a primeira vez, desde sua internação, que você falou detalhadamente sobre seu passado, sobre Lizzie?

Max engoliu em seco.

– Max, com exceção dos comentários breves sobre seu pai, hoje foi o dia em que você liberou, em 15 minutos, uma década de sofrimento. Um sofrimento que está retido dentro de você, apodrecendo, enterrado debaixo de muita malícia, cocaína e sexo sem compromisso.

Apesar da verdade nas palavras de Elliot, Max ficou branco.

– Jogando na cara, hein, doutor?

– Como uma barragem que se rompe, as emoções saíram de você rápido demais para a sua mente tolerar. Isso o sobrecarregou, e seu corpo entrou em pânico. – Elliot expirou, sem nunca desviar o olhar severo de seu paciente. – Você não pode continuar a agir assim, Max. *Precisa* começar a se abrir, a falar, a se expressar de *algum* jeito.

Max bufou e encostou a cabeça na parede, desejando receber outra dose daquela injeção maravilhosa que Elliot tinha lhe dado, só para poder se perder mais uma vez no esquecimento.

Ele preferiria qualquer coisa a ter que conversar sobre... tudo.

– E se eu não for disso? – Max se surpreendeu ao notar quão baixo estava o tom da sua voz ao fazer a pergunta que o assombrava desde a primeira sessão de terapia. Ele ergueu os olhos para Elliot. – E se eu não conseguir?

Elliot meneou a cabeça.

– Você consegue. Juntos, vamos conseguir. Vou ajudá-lo em cada passo do caminho, Max. Todos nós vamos. Mas é necessário que você venha ao nosso encontro. Lyle está preocupado com a sua insistência em pular sua vez de falar na sessão em grupo...

– E se eu simplesmente não quiser, hein, doutor? Se não quiser falar com nenhum de vocês, droga?

Elliot ficou em silêncio por um período imensurável de tempo, fazendo com que Max se contraísse.

– Mas você quer, Max – murmurou afinal. – Você está aqui porque quer ficar melhor. Não foi embora porque Carter ficaria arrasado e você não quer decepcionar ninguém, muito menos ele. Você está aqui porque, lá no fundo, sabe que essa é sua última chance, sua última esperança de ficar limpo, feliz e livre dos fardos que carrega todo santo dia.

Ah, merda. Max deu um suspiro longo. Um pouco trêmulo, ele esfregou o rosto, escondendo as lágrimas que brotavam em seus olhos.

– Não finja que me conhece – murmurou ele, fazendo Elliot rir e suspirar.

– Amanhã você tem uma sessão com Tate Moore.

Max ergueu a cabeça, aquele nome soando vagamente familiar.

– Tate Moore?

Elliot confirmou com a cabeça.

– Ele é um dos nossos médicos residentes; é excelente. E também é o responsável pelas aulas de arte três vezes por semana.

Max revirou os olhos.

– Aulas de arte.

Que ótimo. Então Elliot o estava despachando para algum imbecil amante de Renoir, que sem dúvida reluta só de ouvir a palavra “abstrato”. Não que Max tivesse alguma coisa contra Renoir, mas enfim.

– Se você não gostar, pode experimentar outra coisa – disse Elliot, parecendo ler os pensamentos de Max. – Mas quero que se engaje, se expresse e se comunique. Além do mais, lembro de ter lido no seu formulário de admissão que você gostava de pintura.

Max deu de ombros.

– Carter escreveu isso. Não pinto há muito tempo. Eu costumava pintar os carros na oficina quando era mais novo. Aí levei meu trabalho para os prédios de Nova York. Meu pai se gabava de ter um filho que podia pintar toda a ilha de Manhattan com uma única mão...

As palavras ficaram presas na garganta dele.

Elliot colocou a mão em seu ombro e deu um apertão carinhoso.

– Pinte o que você não consegue falar, Max.

Max arqueou uma sobrancelha, dispensando o gesto afetuosos.

– E se eu não fizer isso?

Elliot se endireitou.

– Aí vou adiar a sua permissão para ir à academia.

Ele se virou, deixando Max desconcertado.

– Mas... você disse que... Ah, espere aí, doutor!

– Duas semanas – disse Elliot calmamente da porta. – Duas semanas com Tate, avanços nas sessões em grupo e então vou permitir que você comece a trabalhar com um *personal trainer*. Combinado?

Max se recostou nos travesseiros. Talvez tenha feito bico, como uma criancinha, mas sabia que não tinha muita escolha.

– Combinado.

■ ■ ■

A sala de artes não era como Max esperava. Era enorme, iluminada, arejada e fedia a tinta e sabão, com uma pitada subjacente, mas imediatamente reconhecível, do aroma de removedor de tinta. O cheiro inebriante fez Max se lembrar de seu trabalho na oficina do pai, pintando os Mustangs e os Buicks com spray enquanto escutava rock no último volume. Seu pai adorava trabalhar ao som de Pink Floyd e The Who. Quanto mais alto, melhor, era o que ele dizia...

– Você deve ser o Max.

Max se virou. O homem na porta, apesar de ser mais velho que ele, era jovem. Mais jovem do que Max esperava. Alto e forte, tinha cabelos louros escuros e bem curtos, grandes olhos cor de âmbar e um sorriso largo. Ele esticou a mão esquerda enquanto a direita segurava uma bengala de madeira escura.

– Sou Tate Moore. – Os dois apertaram as mãos. – Elliot marcou nossa sessão para hoje. – Ele reparou que Max olhou para a bengala. – Ah, as meninas adoram um cara manco de bengala, sabia?

Max enfiou as mãos nos bolsos, olhos cautelosos.

– Você é o cara das artes?

Tate sorriu.

– Não era o que você esperava, hein?

O homem estava usando jeans pretos, tênis All Star e uma camiseta que dizia “Confie em mim, sou o Doutor”.

Max meneou a cabeça.

– Não exatamente.

Tate o dispensou com a mão, acenando.

– Acontece muito comigo. – Ele entrou na sala, passando por Max. Na verdade, ele não mancava tanto assim. – Temos a sala só para nós por um tempo antes da minha próxima sessão. Me fale sobre arte.

Max franziu a testa.

– O quê?

Tate se acomodou em um banco com rodinhas, apoiando a bengala na coxa.

– Qual a sua experiência? Você é iniciante? O que prefere? Tintas, lápis, carvão? Me conte.

Max olhou pelas grandes janelas, que davam para o terreno coberto de neve da clínica.

– Gosto de tinta. Quando eu era pequeno, pintava carros com spray, fazia detalhes. Fui preso algumas vezes por grafitar.

Tate assentiu com a cabeça.

– Ah, então você tem a mão firme e gosta de cor.

– Acho que sim.

Tate indicou que Max se sentasse.

– Então preciso perguntar, o que você quer ganhar com isso, Max?

– Que o doutor me deixe em paz – respondeu Max um tanto mal-humorado.

Tate pigarreou.

– Saquei. Mas você precisa estar motivado para se beneficiar do que vai fazer. Sei que o Dr. Watts planejou isso e conheço os motivos, mas quero ter certeza de que você vai se dar uma chance.

Max deu uma olhada em torno da sala ampla, vendo os cavaletes de madeira, os pincéis, os lençóis e os oleados respingados de cor e sentiu uma leve onda de euforia no peito. Ele suspirou.

– Quero conseguir... me expressar melhor. Porque preciso *ficar* melhor. Ao fitar Tate, deu de cara com um sorriso.

– Gostei – disse Tate gentilmente.

Max riu.

– Quando começamos?

■ ■ ■

Eles começaram no dia seguinte.

Max descobriu que se levantar da cama foi um pouquinho mais fácil naquela manhã, apesar de ter acordado duas vezes de madrugada por conta dos terrores noturnos, e chegou quase cinco minutos mais cedo à sessão. Ele não diria que estava exatamente animado, mas estava sem dúvida ansioso para pegar num pincel de novo. Tate o cumprimentou com um sorriso, um aperto de mão e outra camiseta que, por baixo de uma imagem de Leonard Nimoy, dizia “Spocktacular”. Max pensou, por um momento, que talvez Tate precisasse mais de uma sessão com Elliot do que ele próprio.

– Tomei a liberdade de montar um cavalete para você – disse Tate, guiando Max até um tripé grande. – Minha pergunta é: quer uma tela ou quer começar com algo menor?

Max considerou a pergunta. Ele nunca tinha, na realidade, pintado em nada que não fosse tijolo, concreto ou metal.

– Tela – respondeu ele. – É melhor mergulhar logo de cabeça, né?

Tate deu um tapinha no ombro de Max.

– Excelente.

Com sua tela e algumas tintas acrílicas selecionadas, Max se empoleirou em um banco com rodinhas e pensou no que queria dizer, no que queria mostrar. Elliot lhe dissera que se expressasse, mas como é que ele deveria fazer isso? Os últimos dois anos tinham drenado quase toda a sua inspiração. Os outros dois caras na sala estavam ocupados pintando e desenhando como lunáticos. Max ficou sentado por 20 minutos, sem fazer nada, antes de Tate se aproximar.

– Tudo certo? – questionou ele, apoiando-se na bengala.

Max deu de ombros, pegou sua garrafa e tomou um gole de água.

– Max, quando pintava, onde e com quem você estava?

Max passou as mãos pelos cabelos.

– Na cidade ou na oficina, com meu melhor amigo ou com meu pai.

– Você tinha uma rotina?

As sobrancelhas de Max se ergueram.

– Uma o quê?

Tate explicou:

– Por exemplo, tinha uma camiseta específica que você gostava de usar quando pintava? Ou coturnos, luvas, um pincel especial, música?

Algo veio à memória de Max.

– Meu pai sempre tocava rock na oficina, ou eu ouvia no iPod.

Tate sorriu.

– Espere aí. – Ele se afastou mancando rápido, deixando Max perplexo, e voltou com um iPod do qual pendia um par de fones brancos. – Meu gosto musical provavelmente não é o que você chamaria de rock – admitiu Tate. – Esse é mais o estilo do meu irmão; mas, se me falar os nomes das bandas, posso montar uma *playlist* para você. – Ele entregou o aparelho a Max. – Ouça; talvez isso desperte alguma coisa.

Max pegou o iPod, com os olhos fitos em Tate enquanto as peças do quebra-cabeça iam se encaixando no fundo de sua mente.

– Moore – sussurrou ele, observando mais uma vez a altura, a largura e o sorriso familiar de Tate. Ele se levantou de repente. – Cara! Você é o irmão do Riley, o médico, o herói de guerra!

As bochechas de Tate ficaram cor-de-rosa.

– Acho que “herói de guerra” é forçar um pouco a barra. Prefiro ovelha negra. Mas, sim, Riley é meu irmão. A não ser que ele deva dinheiro a você, aí vou ter que negar todas as informações e conexões.

Max riu.

– Puta merda! – Ele estendeu a mão, apertando a de Tate novamente. – Nunca nos encontramos, você sempre estava fora. Mas Riley falava demais sobre o irmão. Você fez faculdade de Medicina, depois foi para o Iraque, certo?

Ele olhou para a bengala.

– E para o Afeganistão.

– Caramba. Valeu por isso, cara. Conheço o Riley há quase dez anos. Ele está dando uma de babá da minha oficina enquanto estou aqui. Eu não sei o que faria sem a ajuda dele e...

Max puxou a mão de volta.

– Mas você já sabia disso.

– É claro. Pesquiso com cuidado os meus pacientes.

– Pesquisa? – perguntou Max, em tom de dúvida.

– Sim. – Tate olhou na direção do teto. – E também liguei para Riley e perguntei. Ele disse que a sua oficina está indo bem, por sinal.

Max riu e se sentou.

– Tenho certeza de que há alguma regra sobre confidencialidade médico-paciente que você acabou de admitir ter quebrado.

Tate fez um gesto irreverente com a mão.

– Ih, confidencialidade médico-paciente nem existe mais.

Max riu de novo. É, ele definitivamente era irmão do Riley. Ele segurou o iPod com força.

– Obrigado por isto.

Tate acenou com a cabeça.

– O prazer foi todo meu.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br